



Transmutação pelo fogo
acrílica sobre canson,
formato A4, 2022

Entrevista com Bento Matias

Luciene Candia: Bento, na literatura, qual narrativa você citaria como referência do horror?

Bento Matias: Temos grandes autores mundiais da literatura de horror e mistério. É difícil desprezar autores como Edgar Allan Poe e H. G. Wells, mas

sem desconsiderar as outras narrativas, cito **Frankenstein**, de Mary Shelley, de 1818, um marco do romance gótico, verdadeiro ícone do horror e influência fundamental para o surgimento da ficção científica. A criatura concebida por Shelley, que no romance é criada por Victor Frankenstein, pode ser considerada o primeiro mito dos tempos modernos. Criou toda uma cultura em torno do seu tema e continua servindo de inspiração para produções literárias e cinematográficas.

Luciene Candia: No cinema, é possível relacionar o Expressionismo alemão com o cinema de terror?

Bento Matias: Certamente que sim. **O Gabinete do Dr. Caligari**, de 1919, dirigido por Robert Wiene, foi a primeira tentativa de produzir um cinema estritamente expressionista, que teve seu auge na década de 1920. Em 1931, o genial cineasta



Bento Matias Gonzaga Filho é professor efetivo do curso de Letras, da UNEMAT, Campus de Cáceres-MT. Pesquisador de Literatura, Cinema, Teatro e outras artes.

bento.matias@unemat.br

Fritz Lang lança **M, o Vampiro de Dusseldorf**, um filme que conta a história de um assassino de crianças, caçado pela polícia, com a ajuda de outros criminosos. A Europa vivia um período turbulento da sua história, e o Expressionismo, com seu estilo seminal, deu origem a obras impactantes, que lançaram olhares reveladores sobre as desilusões, o isolamento e a desconfiança do povo alemão daquela época.



Cena de *Nosferatu, o vampiro da noite*, com Klaus Kinski e Isabelle Adjani.

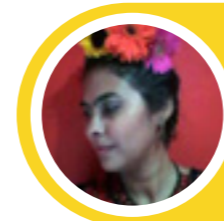
Luciene Candia: Para você, como explicar o fascínio pelo cinema de terror, mesmo para aqueles que dizem não gostar do gênero?

Bento Matias: Sem querer me aprofundar no campo da psicologia, penso que os filmes de terror podem desencadear respostas de luta ou fuga, mas em um ambiente controlado. Isso dá ao espectador a chance de se tornar mais experiente em lidar com situações infundidas de ansiedade para situações futuras mais realistas. No entanto, entendo que ninguém necessariamente entra em um filme de terror procurando essa prática. Acredito também que as pessoas são atraídas pelo mórbido e pelo misterioso - isso pode ser observado nas suas atitudes frente a acontecimentos como a morte, por exemplo. Os filmes de terror podem desenvolver o chamado "bom estresse". Estudos têm mostrado que quantidades administráveis de estresse podem ser benéficas porque dão força ao sistema imunológico para construir resiliência.

Luciene Candia: Você é o cinéfilo que eu mais admiro, porque não somente me apresentou ao cinema, como também é um especialista nesse segmento artístico. Por esse motivo, peço que cite um filme de terror que te impactou

ao assisti-lo, e por quê?

Bento Matias: Citar um filme só é sempre difícil, mas gosto muito do premiadíssimo filme alemão **Nosferatu: o vampiro da noite (Nosferatu: phantom der nacht)**, de 1979, dirigido pelo grande Werner Herzog. É uma homenagem ao clássico de F. W. Murnau, de 1922. Estrelado por Klaus Kinski e Isabelle Adjani, o filme de Herzog retoma características expressionistas da obra de Murnau, sem deixar macular a sua originalidade. O diretor alemão mostra um desenvolvimento de ritmo macabro e aterrador, explorando com sagacidade as divisões de classe. Há uma qualidade na fotografia colorida que se infiltra em seus ossos. Seria inadequado chamá-la de "saturada". É rica, pesada, profunda. A terra parece fria e suja. Não há muito verde e tudo parece molhado. As montanhas são escarpadas, cinzentas, com arestas vivas. Os interiores são filmados em tons de vermelho, marrom e branco - branco, especialmente, para os rostos e, acima de tudo, para o do Conde Drácula. É um filme de notável beleza, mas não faz nenhum esforço para nos atrair ou mimar visualmente. A espetacular cena dos ratos invadindo a cidade, em meio a uma decadência social, é metáfora inesquecível.



Luciene Candia

Também conhecida como Luti, nasceu em Cáceres (MT). É doutora em Estudos Literários pelo PPGEL da UNEMAT, professora de língua portuguesa, literaturas e de PLE (português para estrangeiros), costureira e cinéfila.

candialuti@gmail.com